

TRADUÇÃO COMENTADA DE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS: ILUSTRAÇÃO E MODOS DE APRESENTAÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA
COMMENTED TRANSLATION INTO/FROM SIGN LANGUAGES: ILLUSTRATION AND MODES OF PRESENTING RESEARCH DATA

Neiva de Aquino Albres¹

RESUMO

O presente artigo propõe contribuir com a descrição e explicação sobre os modos de construir uma tradução comentada, método de pesquisa profícuo nos Estudos da Tradução e sua apresentação dos dados. Pautados em Bakhtin e o círculo (2010), a abordagem de pesquisa é qualitativa, utilizamos a pesquisa bibliográfica exploratória. Para tanto, selecionamos traduções comentadas de e para línguas de sinais, mais especificamente, de gênero poético e no formato artigo científico, para comparação, descrição e análise. Elencamos as formas de apresentação dos dados usadas pelos pesquisadores e propomos ao final um plano para a construção de traduções comentadas que envolvam obras em línguas de sinais considerando a materialização do texto de partida ou chegada em vídeo e das múltiplas semioses que envolvem a Libras e a escrita acadêmica atual.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução comentada; contexto acadêmico; literatura em Sinais; tradução especializada, metodologia em tradução.

ABSTRACT

This paper proposes to contribute with the description and explanation on the ways to construct a commented translation, a fruitful research method in Translation Studies and its presentation of data. Based on Bakhtin and the circle (2010), the research approach is qualitative, we use exploratory bibliographic research. For this purpose, we select commented translations from and into sign languages, more specifically genre poetic and scientific article format, for further comparison, description and analysis. We list the forms of data presentation used by the researchers and we propose at the end a plan for the construction of commented translations that involve works in sign languages considering the materialization of the starting text or arrival text in video and the multiple semioses that involve Libras and current academic writing.

KEYWORDS: Commented translation; academic context; signed literature; specialized translation, translation methodology.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis – SC – Brasil. Departamento de Libras. Curso de Letras Libras. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET. Endereço eletrônico: neiva.albres@ufsc.br

1. Introdução

O interesse pela produção de tradução comentada por parte de alunos da graduação e pós-graduação é evidente, desde atividades acadêmicas pontuais com fim didático para aprendizagem de tradução até o desenvolvimento de pesquisas de mestrado e doutorado. Contudo, pouco se tem escrito sobre os modos de construir pesquisas nessa perspectiva e em menor número sobre as especificidades ao se apresentar e analisar dados de produção vídeo-gravadas em línguas corp(orais)², como a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Pesquisas em Estudos da Tradução têm empregado diferentes formas de anotação da língua de sinais na apresentação dos dados de publicações acadêmicas, geralmente, os autores fazem escolhas específicas a fim de favorecer o entendimento do leitor (SANTIAGO, 2014). Albres (2014) indica que a maioria dos trabalhos em linguística das línguas de sinais tem sobreposto ao texto imagens do ELAN (programa *EUDICO Linguistic Annotator*) e tem usado a imagem do corpo do sinalizador enquadrado associada à glosa³ da língua de sinais e ao texto explicativo em português.

Quando se trata de pesquisas no campo dos Estudos da tradução “é possível perceber, no contexto brasileiro, uma diversidade e pluralidade de temas, metodologias e perspectivas teóricas das pesquisas em tradução e em interpretação de línguas de sinais” (RODRIGUES, 2014, p. 40), geralmente, essas pesquisas trabalham com a linguagem em vídeo, visto ser uma forma eficiente para o registro da Libras, mas de difícil registro no papel devido aos limites tecnológicos que ainda temos.

Para Flores (2006), a transcrição do fenômeno linguístico consiste em registrar e apresentar a linguagem, envolve uma seleção, a forma de apresentá-la, havendo várias possibilidades do dizer,

2 As línguas orais são conhecidas como as línguas criadas e usadas por pessoas ouvintes, chamadas como línguas orais-auditivas, com enfoque para a forma de produção pela emissão de sons e de recepção da língua pela audição. Alguns autores têm optado por denominá-las como línguas de modalidade vocal-auditiva (oral) versus línguas de modalidade gestual-visual, que seriam as línguas de sinais (RODRIGUES, 2013). Para Leite (2019), todo o corpo é base da oralidade, independente da condição do falante (surdo ou ouvinte) e da predominância da língua, para tanto propõe chamarmos as línguas de sinais de línguas (corp)orais, considerando que são centradas nos articuladores manuais em comparação às línguas sonoras que se centram nos articuladores vocais. Neste artigo adotaremos a nomenclatura língua (corp)oral e língua vocal-auditiva.

3 Estudos linguísticos de descrição da língua de sinais e pesquisas acadêmicas sobre aprendizes de segunda língua precisam escrever (registrar) a forma da língua. McCleary, Viotti e Leite (2010) consideram que, para glosar um discurso em Libras, é necessário garantir um vínculo unívoco entre a palavra usada para a glosa (que tem a função de nomear o sinal) e a sua forma. Ressaltam ainda que, para a apresentação e análise de trechos de discurso espontâneo ou semiespontâneo, o sistema de glosas simples é bastante limitado. Faz-se, muitas vezes, necessário o uso de outros recursos, já que uma mesma configuração de cabeça, tronco e face pode também ter diferentes funções no discurso. Para eles, a transcrição é o registro daquilo que é diretamente observado na gravação. Assim, glosa é a palavra-chave para denominar sinais da Libras em um processo de transcrição em que se atribui palavras em português para registrar os sinais utilizados pelo sujeito de pesquisa em Libras. Geralmente, no sistema de glosa uma palavra em língua oral é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente. Quando há dados linguísticos compostos por sequência gestual e pantomímica, os pesquisadores podem optar por registrá-la utilizando um texto descritivo/narrativo (McCLEARY, VIOTTI e LEITE, 2010).

ou melhor, de afigurar (representar) um estado de coisas (uma realidade), seguindo os princípios: “1) a figuração representa logicamente a situação (existência e inexistência de estados de coisas); 2) a figuração é um modelo de realidade; 3) na figuração, os objetos correspondem aos elementos da figuração; 4) a figuração é um fato” (FLORES, 2006, p. 65).

A representação do fenômeno linguístico em línguas de sinais, seja ela pela disponibilização do vídeo, pelo uso de um sistema de transcrição ou de figuras requer do pesquisador alguns cuidados. Nessa perspectiva, empregaremos o termo ilustrar como a ação do pesquisador de mostrar a produção linguística, de apresentar a produção linguística estudada por meio de figuras, seja por *prints* de vídeos ou fotos. Dessa forma, a ilustração é um recurso utilizado na tentativa de mostrar a enunciação linguístico-discursiva.

Propomos uma discussão sobre os procedimentos de apresentação de dados de traduções comentadas como pesquisa sobre tradução de línguas de sinais. Há uma série de iniciativas recentes que merecem destaque em nossa área, seja no que diz respeito a um esforço acadêmico-institucional de criação de novas formas de produção de pesquisa, seja no que diz respeito à própria prática de pesquisa em tradução incorporando as novas tecnologias. Partindo de uma breve reflexão sobre a natureza da inovação em nosso campo de especialidade, destacaremos alguns conceitos sobre tradução comentada na seção 2. Acerca da pesquisa de tradução comentada, são escassas as menções nos tradicionais livros-texto de metodologia científica. O número de artigos ditos de tradução comentada de línguas de sinais nas bases de dados, como Scielo é ínfima, apenas um⁴.

Traçamos como questão para este trabalho: Qual o formato em que tradutores-pesquisadores registram a tradução desenvolvida considerando o trabalho com duas línguas de modalidades distintas - corp(oral) e vocal-auditiva? Assim, o objetivo é levantar os modos de apresentação de traduções comentadas escritas em português para contribuir com o campo de pesquisas em Estudos Tradução e em Interpretação de/para Línguas de Sinais (Etils).

2. Tradução comentada: princípios e formas estáveis de apresentação

Apresentamos nesta seção a estruturação da tradução comentada como um gênero discursivo com formas estáveis, como discutido na literatura. A tradução comentada tem uma arquitetura⁵

4 MARQUES, Ádila Silva Araújo; PINHEIRO, Kátia Lucy; AVELAR, Thaís Fleury. Tradução do texto de Walter Benjamin “a tarefa do tradutor” para a língua brasileira de sinais, a partir da tradução de Susana Kampff Lages. *Cad. Trad.*, Florianópolis, v.38, n.2, p.381-382, ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-79682018000200381&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 14 jan. 2020.

5 Compreendemos arquitetura como um elemento estrutural-relacional concreto do ato, que se orienta na participação singular no existir humano. Nessa perspectiva, se relaciona a linguagem e ideologia de seres concretos nos momentos arquitetônicos: eu-para-mim, o outro-para-mim, e eu-para-o-outro, envoltos em valores, que acontecem de forma específica no tempo e no espaço. (BAKHTIN, 2010b). Assim, no processo de construção de um texto acadêmico, por

peculiar de composição e de organização textual-discursiva. Do modo como exemplifica Bakhtin (2010b), ao tratar das formas arquitetônicas, os gêneros do discurso organizam-se em formas composicionais, relacionadas às escolhas verbais que se materializam num acontecimento histórico e social. Cada forma arquitetônica “é realizada por meio de métodos composicionais definidos; por outro lado, as formas composicionais mais importantes, às do gênero, por exemplo, correspondem, no objeto realizado, formas arquitetônicas essenciais” (BAKHTIN, 2010b, p. 24). A forma arquitetônica nos permite sempre perguntar quem produziu, para quem e em que circunstâncias (SOBRAL, 2006).

Como princípio, a tradução comentada “promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário” (TORRES, 2017, p. 15). Pode-se afirmar que a tradução comentada serve como metodologia de ensino de tradução (DURÃO; DURÃO, 2017), mas também como um estudo pela análise do processo de tradução, sendo uma metodologia de pesquisa do tipo estudo de caso (ÁLVAREZ, 2007; ALBRES, 2020).

Como um estudo de caso, pode-se registrar aspectos relevantes sobre a tradução e gerar generalizações.

O que se pode aprender de um único caso? Para ele [Stake], o que aprendemos com um caso singular relaciona-se ao fato de que o caso é semelhante ou diferente de outros casos conhecidos. Pesquisadores naturalísticos, etnográficos e fenomenológicos relatam seus casos sabendo que eles serão comparados a outros e, por isso, buscam descrevê-los detalhadamente para que o leitor possa fazer boas comparações. Por meio de uma narrativa densa e viva, o pesquisador pode oferecer oportunidade para a experiência vicária, isto é, pode levar os leitores a associarem o que foi observado naquele caso a acontecimentos vividos por eles próprios em outros contextos. Esse processo corresponde ao que Stake denominou “generalização naturalística”. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 648).

No campo dos Estudos da Tradução, o estudo do tipo “tradução comentada”, que relata o processo de uma tradução, é um método de pesquisa importante para a construção do conhecimento sobre as peculiaridades da tradução. A tradução comentada também se caracteriza como um gênero acadêmico-literário, “o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores” (TORRES, 2017, p. 15). A tradução comentada ainda se dedica a analisar aspectos extra e intra-textuais.

Assim, a tradução comentada é um tipo de pesquisa que se inscreve em abordagem qualitativa, podendo ser identificada como um “estudo de caso”. No campo dos Estudos da Tradução, estudos de caso “podem contribuir ao conhecimento em três cenários diferentes: (1) para explorar questões

exemplo, uma tradução comentada, não se pode abstrair o seu contexto histórico e ideológico, logo, destaca-se a relação autor-discurso.

de como e porque, (2) para a geração de hipóteses (em oposição à hipótese teste) e (3) para testar a viabilidade de um quadro teórico” (SALDANHA e O’BRIEN, 2014, p. 209, tradução nossa, em nota final o original)⁶. No Brasil, a tradução comentada tem construído uma tradição, “mais precisamente ao longo dos 15 últimos anos, um formato acadêmico, principalmente na UFSC e na UFC” (FREITAS; TORRES; COSTA, 2017, p. 11).

A fim de delinear alguns aspectos da estrutura de traduções comentadas, abordaremos a seguir sobre os tópicos: i) fundamentação teórico-metodológica de traduções comentadas, ii) aspectos analisados em traduções comentadas, e iii) estruturação textual e apresentação dos dados (organização textual e visual).

i) Fundamentação teórico-metodológica das traduções comentadas

Uma questão que se coloca é que perspectiva teórico-metodológica poderia dar suporte à construção de traduções comentadas. Encontramos na literatura que Estudos Linguísticos e Estudos da Tradução, como também Estudos Filosóficos têm servido de base para a fundamentação analítica de traduções comentadas.

Em traduções comentadas é comum os estudiosos fundamentar-se na “[...] escola funcionalista alemã, que tem com uma de suas características principais a formação de tradutores e a ênfase no objetivo (‘escopo’) da tradução” (COSTA, 2017, p. 12), conhecida como teoria do Escopo (*Skopos Theory*), geralmente, citam o método de Nord (2012, 2016) e Reiss e Vermeer (1984, 1996). Nesse sentido, o tradutor-pesquisador procura reconstruir as funções do texto base no texto meta e seus comentários tendem a circunscrever uma análise linguística e social.

Outro paradigma dos Estudos da Tradução que fundamenta traduções comentadas são as correntes da desconstrução (ARROJO, 1992), como indicado por Durão e Durão (2017), compreendendo o quanto o modo de ver e interpretar o mundo de cada sujeito influenciará a sua tradução, suas escolhas e o produto (tradução). Essa corrente fundamenta-se na filosofia, psicanálise e estudos da linguagem mais abrangentes.

A perspectiva teórica enunciativo-discursiva também é bastante profícua para embasar a construção de traduções comentadas. Nessa vertente, considera-se que analisar o discurso corresponde

⁶ “Can make contributions to knowledge beyond the particular in three different scenarios: (1) in exploring questions of how and why, (2) for hypothesis generating (as opposed to hypothesis testing), and (3) for testing the viability of a theoretical framework” (SALDANHA e O’BRIEN, 2014, p. 209).

a compreender que em uma tradução comentada não estudamos apenas a língua como um sistema, mas a linguagem viva no seu movimento de interpretação e construção de sentidos como também pela produção de sentidos vivida pelo tradutor.

Essas são algumas tendências teóricas, há então uma diversidade de olhares possíveis para contribuir com o estudo da tradução em processo e a partir da experiência do tradutor-pesquisador. Neste tópico, indicamos apenas algumas das correntes teóricas que tem se consolidado no Brasil por meio da formação de tradutores e de pesquisadores na graduação e pós-graduação.

ii) Aspectos analisados em traduções comentadas

Os aspectos que podem ser analisados na tradução comentada são os mais diversos possíveis. Consideramos que o pesquisador, a partir dos dados, constrói o seu objeto de estudos, a partir da “consciência de grande parte dos procedimentos utilizados” na tradução delimita o enfoque da tradução comentada (COSTA, 2017, p. 13). Quando de tradução de literatura, por exemplo, “o caráter literário do comentário de tradução dependerá do seu autor e do objeto em estudo” (TORRES, 2017, p. 18).

Constatamos que há uma diversidade sobre o quão abrangente deve ser essa análise: pode se delimitar e analisar o sentido do texto como um todo, pode se trabalhar com unidades de tradução específicas ou apenas com um item lexical de toda a obra. A depender do objeto de análise, a discussão pode se concentrar em uma única expressão, como, por exemplo, em “a tradução nos horizontes de um texto filosófico, em que os significados da liberdade e as formas do direito de resistência no *Leviatã* de Hobbes servem para os comentários sobre a tradução” (DURÃO, 2017, p. 209). Nessa tradução comentada há o “predomínio do discurso filosófico e o comentário livre, sem um esquema descritivo ou analítico pré-estabelecido” (COSTA, 2017, p. 15).

Não há como selecionar previamente as categorias que serão analisados, mas há como identificar nos enunciados (textos de partida e chegada) um objeto de estudo. A tradução comentada é construída com o tom valorativo⁷ do tradutor e autor da tradução comentada. Assim, como autor da tradução se faz um tipo de locutor e de interlocutor e como autor de tradução comentada desenvolve uma análise discursiva. Vivendo a linguagem em processo de tradução seleciona o que compreende ser interessante para ser analisado. Assim, é o tradutor que delimita seu objeto de estudo e as categorias de análise. Não se encontra no enunciado, isoladamente, elementos passíveis de análise. Dito de

⁷ A valoração é empregada neste texto com base nos estudos Bakhtinianos. Assim a valoração é considerada como índice social de valor e a ideologia como o horizonte axiológico do discurso. Os enunciados são como materialização da valoração. Dessa forma, tanto a tradução quanto o texto de tradução comentada, como enunciados concretos, suscitam resposta(s), configurando-se como um ato de valoração sobre o enunciado do outro. Segundo Bakhtin (2003, p. 289), “um enunciado absolutamente neutro é impossível.”

outro modo, as categorias de análise de uma tradução comentada são construídas no próprio processo de tradução. Coexiste descrição, análise e interpretação que leva a conhecer um universo amplo do pensamento do tradutor e dos modos de traduzir. De tal modo, os comentários podem figurar de diferentes modos no texto.

Os comentários apresentados pelo tradutor podem aparecer de diferentes formas, dentre as quais discussões sobre a tarefa de traduzir, análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito ou ainda justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório. Isto é, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada. (ZAVAGLIA, et al., 2015, p. 333).

Cabe destacar que essa análise da linguagem requer a verificação, com os instrumentos⁸ que se tem e como o enunciado do tradutor cria, mediante a interação com o texto de partida, sentidos, e quais sentidos cria para a compreensão do processo da tradução e de suas escolhas.

iii) Estruturação textual e apresentação dos dados (organização textual e visual)

Para a apresentação de tradução comentada, “aspectos são discutidos teoricamente e ilustrados com exemplos elucidativos” (COSTA, 2017, p. 13). Buscando o conceito de tradução comentada e mais precisamente sobre os modos de apresentação escrita e do design empregado nesse tipo de exposição científica, Freitas, Torres e Costa (2017) indicam que

trata-se basicamente de traduzir um texto, geralmente literário, inédito em português do Brasil e comentar a partir de teorias da tradução, mas não somente. A estrutura recorrente em estudos desse gênero é que original e tradução são incorporados ao corpo textual em apresentação bilíngue e em colunas como capítulo da dissertação ou da tese. A análise que segue a tradução representa o aparato crítico, isto é, o comentário de tradução que permite entender como funciona o processo de elaboração da tradução e traz argumentos teóricos quanto às escolhas que o tradutor-pesquisador fez, bem como os efeitos destas no texto traduzido. (FREITAS; TORRES; COSTA, 2017, p. 11).

Os autores lembram da necessidade de apresentar tanto o texto de partida quanto o texto de chegada seguido da análise sobre os comentários dos tradutores. Traduções comentadas em línguas vocais-auditivas indicam explicitamente a apresentação do original e do texto traduzido (FREITAS; TORRES e COSTA, 2017). Dessa forma, há uma apresentação bilíngue, com o texto de partida e o texto de chegada, acompanhada também dos comentários do tradutor (TORRES, 2017) como elementos essenciais.

⁸ Estamos nos referindo aos instrumentos de pesquisa de uma tradução comentada como, por exemplo, o diário de tradução. O diário de tradução é um instrumento de pesquisa, usado como uma técnica para registro do processo de tradução quando o tradutor está executando o trabalho, onde o tradutor faz anotações sobre suas impressões e serve com material de análise em pesquisa do tipo “tradução comentada”. (BELIAKOVA; PRESTES, 2010).

Outra premissa da estrutura textual é que “a análise é feita de modo sistemático, com comentário sobre os itens de cada unidade de tradução⁹. A bibliografia é ampla e utiliza não apenas estudos teóricos e específicos, como também recorre um grande número de sites” (COSTA, 2017, p. 14), isso em caso de texto base que tem um repertório on-line similar para ser consultado.

Finalizando esses pressupostos iniciais, evidencia-se que a tradução comentada tem uma estrutura específica que a configura como um gênero discursivo estável (ZAVAGLIA, et al., 2015), sendo assim, forma uma arquitetura que envolve o tradutor como o autor da tradução e do texto analítico. Dessa forma, os pesquisadores que se dispõem a escrever uma tradução comentada precisam estar atentos às características desse gênero.

3. Metodologia

Esta pesquisa se inscreve em uma abordagem qualitativa, constituindo-se como um estudo bibliográfico exploratório. Traçamos como objetivo analisar formas metodológicas e dispositivos de análise para a apresentação visual do fenômeno da linguagem em traduções comentadas de poesias de e para línguas de sinais.

Para tanto, construímos um corpus de traduções comentadas, definindo como critério a seleção de artigo publicado em revista científica e resumo expandido publicado no Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (UFSC) por serem trabalhos de extensão similar e por terem passado por avaliação de comissão científica ou de parecerista. O referido congresso é desenvolvido desde 2008 (bianual) e tem se consolidado como um evento importante da área de Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (Etils), congregando pesquisadores de todo o país. Excluíram-se relatórios de pesquisa (teses, dissertações e trabalhos e conclusão de curso).

Selecionamos a tradução comentada de gênero poesia, pois a padronização em um mesmo gênero discursivo pode ser item importante para a comparação dos trabalhos e por pensarmos ter um número significativo de trabalhos com esse gênero.

A primeira etapa consistiu no levantamento das traduções comentadas de poesia de e para línguas de sinais extraídas do mapeamento de artigos científicos publicados em revistas brasileiras, realizado recentemente por Mendonça (2019), em que o autor levantou 134 artigos entre os anos de 1997 e 2019, dos quais extraímos cinco para esta análise e a segunda etapa do levantamento de trabalhos publicados no Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Português (UFSC), do qual extraímos um artigo para esta análise. Assim, chegou-se ao *corpus* de seis

⁹ A unidade de tradução pode ser definida como a unidade da informação. A informação pode ser de dois gêneros: primeiramente, a informação objetiva sobre o mundo circundante em segundo lugar, a informação da imagem que expressa as relações daquele que fala com a informação objetiva, a avaliação, o pensamento e o sentimento do autor. Evidentemente, a informação do primeiro gênero está na informação científica, na literatura informacional; a informação do segundo gênero está na obra artístico-literária. Consequentemente, a unidade da tradução depende do tipo de texto que é traduzido. Os textos que contém a informação do primeiro gênero transmitem informação lógica, ou seja, o pensamento do autor. Então, a unidade desse tipo de textos pode ser um pensamento concluído. (BELIAKOVA; PRESTES, 2010, p. 754).

artigos, cinco envolvendo Língua Brasileira de Sinais - Libras e um envolvendo Língua de Sinais Britânica - LSB (*British Sign Language* - BSL).

Quadro 1 – Trabalhos levantados a partir da revisão sistemática com os dados dos últimos dez anos. (2010-2019)

ANO	REFERÊNCIA	DIREÇÃO
2010	NICOLOSO, Silvana. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras. Cadernos de Tradução , Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 307-332, out. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p307 . Acesso em: 10 jan. 2020.	Língua de sinais britânica - LSB para a o português escrito
2013	WEININGER, M., J., SUTTON-SPENCE, R. et al. Quando múltiplos olhares geram diferentes experiências de tradução ao português de um poema em libras: o caso de “Homenagem Santa Maria” de Godinho (2013). Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa , UFSC, Florianópolis-SC.2014. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2949.pdf . Acesso em: 10 jan. 2020.	Libras (vídeo) para português escrito
2014	KLAMT, Marilyn Mafra. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. Belas Infieis , v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11285 . Acesso em: 10 jan. 2020.	Libras (vídeo) para português escrito
2016	SANTOS, Saionara Figueiredo. Tradução comentada do poema “Debussy”, de Manuel Bandeira, para a Língua Brasileira de Sinais. Belas Infieis , v. 5, n. 1, p. 93-116, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/11371 Acesso em: 10 jan. 2020.	Português escrito para Libras (vídeo)
2017	NASCIMENTO, Vinicius, MARTINS, Vanessa R. de O., SEGALA, Rimar R.. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Domínios de Lingu@gem . Uberlândia. Vol. 11, n. 5, dez. 2017 p. 1850-1874. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37378 . Acesso em: 10 jan. 2020.	Português escrito para Libras (vídeo)
2019	SILVA, Marília Duarte da; ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Amor à primeira vista”. Revista de Ciências Humanas , vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018 (publicada em 2019). Disponível em: Recuperado de https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8686 . Acesso em: 10 jan. 2020.	Libras (vídeo) para português escrito

Fonte: elaboração própria

Na segunda etapa da pesquisa, desenvolvemos a leitura completa dos trabalhos e a seleção das informações referentes às formas de apresentação das traduções de poesias realizadas, tanto do texto de partida quanto do texto de chegada, como também dos aspectos analisados e de esquemas visuais construídos, seja pelo uso de tabelas, de *prints* de vídeos como de retomada de unidades de tradução no processo de apresentação das traduções comentadas.

4. A apresentação dos dados em traduções comentadas envolvendo línguas de sinais

Nesta seção, discute-se sobre as características, os objetivos e as formas de apresentação dos artigos de tradução comentada, ou seja, as estratégias utilizadas por pesquisadores-tradutores para (re)criar uma poesia em português escrito com base no texto da língua de sinais, essencialmente visual e imagética e apresentá-la em registro de texto acadêmico como também para apresentação das escolhas tradutórias em Libras diante de texto de partida escrito.

Analisamos as traduções de poesia disponíveis em anais de congresso e em revistas científicas on-line e, assim, apreendemos sua forma arquitetônica de produção. O corpus levantado é composto por: Nicoloso (2010), Weininger, Sutton-Spence et al. (2014), Klamt (2014), Santos (2016), Nascimento, Martins e Segala (2017), Silva e Albres (2019). Entendemos que, devido ao escopo deste artigo, não observaremos todas as especificidades possíveis, pois optamos por refletir sobre os modos de apresentar a tradução e os comentários, como pode ser apreciado no quadro 2.

Quadro 2 – Indicação dos modos e apresentação dos dados

AUTOR-ANO	DESCRIÇÃO
POESIA 1 NICOLOSO (2010)	A autora apresenta a glosa do poema em Língua de sinais britânica (LSB), seguida da primeira e da segunda versão com comentários, e da terceira versão e versão final com comentários conclusivos.
POESIA 2 WEININGER, SUTTON-SPEN- CE et al. (2013)	Os autores citam o poema de Alan Henry Godinho intitulado “Homenagem Santa Maria” (GODINHO, 2013) e disponibilizam o <i>link</i> do YouTube em nota de rodapé (https://www.youtube.com/watch?v=9LtOP-LLx0Y). Informam que realizaram três traduções para o português.
POESIA 3 KLAMT (2014)	A autora apresenta a imagem do <i>print</i> do vídeo em Libras, seguido de um trecho que contenha essa sinalização e a análise com o trecho da tradução. Em anexo ao artigo, apresenta uma tabela de duas colunas com a glosa da Libras, à esquerda, e a tradução em português, à direita.
POESIA 4 SANTOS (2016)	Apresenta a poesia em português, seguida da primeira e segunda versão com comentários, e terceira (versão final) com comentários conclusivos. A segunda e terceira estão ilustradas por <i>prints</i> do vídeo do poema em Libras.
POESIA 5 NASCIMENTO, MARTINS e SE- GALA (2017)	Os autores indicaram primeiramente o <i>link</i> para acessar a tradução em Libras (https://www.youtube.com/watch?v=iNUQ-8FkYSU), logo em seguida apresentam o poema em português escrito. Utilizam-se de <i>print</i> do vídeo para ilustrar os pontos de análise do poema em Libras.
POESIA 6 SILVA e ALBRES (2019)	As autoras iniciam a análise apresentando o vídeo da poesia (https://www.youtube.com/watch?v=QK16Kz0JLmYCOM), no decorrer apresentam análise de estrofes com a imagem dos sinais extraídas do vídeo e a estrofe da poesia traduzida, seguida do comentário. Ao final, apresentam um quadro, na primeira linha o vídeo completo e na segunda linha a tradução da poesia para o português.

Fonte: elaboração própria

Poesia 1: “Os Cinco Sentidos” de Paul Scott (surdo)

Nicoloso (2010) discute os desafios desse tipo de tradução apresentando sua própria experiência na realização de uma tradução comentada de um poema em Língua de Sinais Britânica (*British Sign Language*, BSL) — “Os Cinco Sentidos” de Paul Scott — para o português escrito. O aspecto central da discussão é a intraduzibilidade da poesia.

No decorrer da seção de análise da tradução comentada, a autora cita que fez a tradução do poema “Os Cinco Sentidos”, mas não indica o *link* de acesso ao vídeo, apresentando-o em glosas. Ao buscarmos na *internet*, encontramos o *Paul Scott’s Five Senses*¹⁰, disponibilizado em 2014, ou seja, quatro anos após a publicação do artigo da autora. Talvez na época da produção do artigo o texto em

¹⁰ *Five Senses - Paul Scott*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QrOEqf2O918>>. Acesso em: 13 jan. 2020, <<https://www.youtube.com/watch?v=BKsr9JUjVEg>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BSL ainda não estivesse disponível na *internet* ou a autora não tivesse autorização para disponibilizar o vídeo e, por esse motivo, não indicou um *link* para acesso ao poema na íntegra.

A seguir, demonstramos como a autora apresenta a poesia por meio de glosas. Na primeira linha do quadro 3, apresentamos um recorte da transcrição desenvolvida por Nicoloso (2010), seguido das versões da tradução nas linhas seguintes.

Quadro 3 – Sequência da apresentação dos dados de Nicoloso (2010)

Os Cinco Sentidos: glosa do poema original	MÃO-DIREITA-ABERTA (CINCO-DEDOS-ESTENDIDOS) DEDO-MÉDIO-PASSAR/SUBIR-PEITO MÃO-DIREITA-FECHAR-MÃO-ESQUERDA (S) MÃO-DIREITA-BATER-MÃO-ESQUERDA (TOC-TOC) MÃO-ESQUERDA-FECHADA (S) MÃO-DIREITA-ABRIR (L) EXPRESSÃO-FACIAL-ABRIR-OLHOS-ACORDAR MÃO-DIREITA-NÃO-APONTAR-PARA-MÃO-ESQUERDAFECHADA MÃO-DIREITA-NÃO-FECHAR-MÃO-ESQUERDA MÃO-DIREITA-ABERTA-PASSAR-PELO-PEITO-CIRCULOSUBIR MÃO-DIREITA-PASSAR-BRAÇO-ESQUERDO-ARREPIARSENTIR DOIS-BRAÇOS-CRUZADOS-ABRAÇO MÃO-DIREITA-TOCAR-FRIO MÃO-ESQUERDA-TOCAR-QUENTE ESFREGAR-MÃOS LAMBER-MÃOS MÃO-DIREITA-PASSAR-E-SUBIR-PELO-PEITO MÃO-ESQUERDA-FECHADA (S) MÃO-DIREITA-POLEGAR-ESTENDIDO-LEGAL MÃO-ESQUERDA-POLEGAR-ESTENDIDO CABEÇA-SIM (NICOLOSO, 2010, p. 319)
Os Cinco Sentidos: Primeira versão	Toc toc - Eu não sei quem é você! - Você não me conhece? Só um minutinho. Todo o corpo se arrepia com o abraço. O gelado é frio. O quente queima. Agora você sabe quem eu sou? Agora eu sei. (NICOLOSO, 2010, p. 323)
Os Cinco Sentidos: Segunda versão	Desculpe-me, mas quem é você? Quem sou eu? Venha comigo e veja. Sinta seus braços arrepiarem-se com meu abraço. Oh, que gelado! Oh, que quente! Então, agora você me conhece. (NICOLOSO, 2010, p. 325)
Os Cinco Sentidos: Terceira versão	Desculpe-me, mas quem é você? Quem sou eu? Venha comigo e veja. Sinta seu corpo inteiro arrepiar-se com o meu abraço. Sinta o gelado! Sinta o quente! Então, agora você me conhece. (NICOLOSO, 2010, p. 327)

Fonte: elaboração própria

Ponderamos que a apresentação da poesia em língua de sinais apenas pela transcrição em glosas não propicia ao leitor os efeitos da apresentação da língua de sinais em vídeo e muitos elementos

visuo-espaciais da poesia perdem-se. Assim, se faz importante a disponibilização do vídeo.

A autora apresenta três versões e todo o processo de tradução até sua versão final o que indica a intenção de apresentar o processo pelo qual a tradução passou. Apresentar as versões é uma estratégia interessante para dar visibilidade das modificações que o texto passou. Esse fato evidencia o enfoque no processo, propósito da tradução comentada.

Poesia 2: “Homenagem Santa Maria” de Alan Godinho (surdo)

Weininger, Sutton-Spence et al. (2014) apresentam a análise de três traduções do poema-lamento “Homenagem Santa Maria” de Godinho (2013) em Libras para um poema em português escrito, discutem os aspectos formais da poesia em língua de sinais, problematizando a retextualização de ritmo, rima, divisão em versos e estrofes.

Sobre o poema traduzido, disponibilizam o *link* do YouTube “Homenagem Santa Maria” e apresentam as traduções desenvolvidas. São três versões produzidas, uma por Natália Rigo, outra de Saulo Xavier de Souza e outra de Markus J. Weininger. É importante a apresentação da obra de partida e da obra traduzida, tanto para a compreensão das escolhas tradutórias por meio da apreciação da obra final como dos efeitos de sentido do poema em sua tradução.

Poesia 3: “Voo sobre Rio” de Fernanda Machado (surda)

Klamt (2014) aborda as estratégias empregadas na tradução do poema em Libras “Voo sobre Rio”, da poetisa Fernanda Machado, para o português escrito. Os conceitos empregados na análise são traduzibilidade de poesia, mitos de tradução e com base no teórico norte-americano Lawrence Venuti (2002) para se referir às práticas tradutórias que ocultam as diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, denominada de domesticação (*domestication*) versus àquelas práticas tradutórias que mantêm a estranheza do texto original e da cultura de partida, denominada de estrangeirização (*foreignization*).

A autora segue o padrão da tradução comentada apresentada sob a forma de duas colunas, lado a lado, a glosa da Libras na esquerda (texto de partida) e o português à direita (texto de chegada). Dispõe esse quadro no anexo do artigo. Essa é uma estratégia para que o leitor compare a poesia e sua tradução, principalmente pela disposição em versos. Afirma que “o poema analisado e traduzido neste trabalho não foi publicado, ele faz parte do acervo pessoal da poetisa Fernanda Machado” (KLAMT, 2014, p. 108). Assim, o leitor não tem acesso ao poema em Libras a não ser que faça uma busca na internet de forma independente. O *link* do vídeo não foi disponibilizado no artigo, mas, atualmente, o poema está disponível em dois *sites*¹¹. A leitura da glosa não expressa toda a corporeidade, espacialidade, visualidade, cadência, movimento e prosódia da sinalização de Fernanda Machado. Ponderamos que uma possibilidade, nesses casos de vídeos não publicados ou que estejam protegidos

11 “Voo sobre Rio” – Fernanda Machado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YaAy0cbjU8o>> publicado 6 dez 2014, e disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dDw2WSqIS8k>>, publicado 01 de out 2015.

por direitos autorais, seria de o autor da tradução regravar o vídeo, ou seja, recitar a enunciação em Libras para apresentar a poesia estudada. Essa opção traz algumas implicações, ou seja, a recitação/re-interpretação dos poemas muito provavelmente terá diferenças de produção articulatória e de ritmo, também altera a corporificação da língua e os efeitos de identificação de autoria.

Figura 1 – Quadro com o texto de partida e de chegada, tradução de Klamt e Klamt (2014)

<p>Glosas do poema “Voo sobre Rio”, de Fernanda Machado</p> <p>I</p> <p>PLANETA-TERRA-PEQUENO, PLANETA-TERRA-MÉDIO, PLANETA-TERRA-GRANDE, NUVEM</p> <p>PÁSSARO-VOAR-GRANDE, PÁSSARO-VOAR-PEQUENO</p>	<p>“VOO SOBRE RIO”, tradução de Marilyn Mafra Klamt e Valdemir Klamt</p> <p>I</p> <p>O astro distante: terra. (<i>gotícula de terra viaja na ponta do dedo</i>) O planeta de percorrer com as mãos: terra. (<i>o tamanho da terra quando polegar e dedos se encontram grávidos no espaço</i>) O chão coberto de terra (<i>mãos de embalar um ser frágil</i>) e a névoa anuncia o dia.</p> <p>O corpaço da ave voa. Voa no espaço ao longe.</p>
--	--

Fonte: Klamt (2014, p. 121)

Antes da análise, a autora apresenta trechos do poema em glosas, ou seja, a apresentação da unidade de tradução a ser enfocada, glosas com *prints* do que está sendo apresentado, seguido de “comentários” analíticos, por exemplo:

Quadro 4 – Sequência da apresentação dos dados de Klamt (2014)

<p>Poema em glosas</p>	<p>Ao longo do poema, foram encontradas diversas repetições, como nos sinais PÁSSARO-VOAR-GRANDE e PÁSSARO-VOAR-PEQUENO (figura 1) (KLAMT, 2014, p. 113).</p>
<p>Imagem (ilustração)</p>	<p>Figura 1 – PÁSSARO-VOAR-GRANDE e PÁSSARO-VOAR-PEQUENO no poema “Voo sobre Rio”</p>  <p>Fonte: Desenvolvida pela autora</p> <p>(KLAMT, 2014, p. 114)</p>
<p>Comentários</p>	<p>“Outro tipo de simetria presente é a simetria ou assimetria bilateral, ou seja, quando a forma (configuração de mão) que as mãos assumem são espelhadas (simetria) ou não espelhadas (assimetria). Por não haver um paralelo semelhante para este fenômeno na escrita, é um recurso que traz dificuldades ao se tentar transpor para o texto de chegada.No texto de chegada, foram mantidas as repetições, com algumas alterações no vocabulário, a cada repetição, para que se ganhasse em poesia ou em rima interna. [...]” (KLAMT, 2014, p. 114).</p>

Fonte: elaboração própria

Poesia 4: “Debussy”, de Manuel Bandeira

Santos (2016) expõe uma experiência tradutória do poema em português “Debussy”, de Manuel Bandeira, para a Libras. Ela enfatiza o posicionamento e as dificuldades do tradutor no processo de tradução. Os conceitos teóricos utilizados também são os de domesticação e o de estrangeirização (VENUTI, 2002).

A autora apresenta a poesia em português, seguida da primeira e segunda versão da tradução com comentários, e da terceira versão (final) com comentários conclusivos. A segunda e terceira versão estão ilustradas por *prints* do vídeo do poema em Libras, como apresentado no quadro 5. Entretanto, a autora não apresenta o *link* do vídeo com as versões em Libras, fator este que inviabiliza ao leitor perceber o todo estético, ou seja, o dinamismo do poema corp(oral) construído em Libras.

Quadro 5 – Sequência da apresentação dos dados de Santos (2016)

<p>Poema em português</p>	<p style="text-align: center;">“Debussy”, de Manuel Bandeira</p> <p style="text-align: center;">Para cá, para lá... Para cá, para lá... Um novelozinho de linha... Para cá, para lá... Para cá, para lá... Oscila no ar pela mão de uma criança (Vem e vai...) Que delicadamente e quase a adormecer o balanço - Psiu... - Para cá, para lá... Para cá e... - O novelozinho caiu. (SANTOS, 2016, p. 101)</p>
<p>Debussy: primeira versão</p>	<p style="text-align: center;">CÁ dir LÁ esq CÁ dir LÁ esq NOVELO LINHA CÁ dir LÁ esq CÁ dir LÁ esq NOVELO LINHA, CRIANÇA BALANÇA BRINCA IR VOLTA CRIANÇA BRINCA NOVELO LINHA LÁ CÁ, LÁ CÁ, DORMIR QUASE CHAMAR CÁ dir LÁ esq CÁ dir ... NOVELO LINHA CAIU (SANTOS, 2016, p. 102)</p>

<p>Debussy: segunda versão</p>	<p>(Personificação – criança brincando – acha um novelo de lã) CÁ dir LÁ esq CÁ dir LÁ esq NOVELO LINHA (CL) CÁ dir LÁ esq CÁ dir LÁ esq NOVELO LINHA, CRIANÇA BALANÇA BRINCA (CL) IR VOLTA CRIANÇA BRINCA NOVELO LINHA LÁ CÁ, LÁ CÁ, DORMIR QUASE (CL) CÁ dir LÁ esq CÁ dir ... NOVELO LINHA CAIU, CRIANÇA DORMIU (CL) (SANTOS, 2016, p. 104)</p>
<p>Debussy: Versão final</p>	<p>Figura 2 - As mãos foram classificadas para demonstrar os olhos bem abertos e surpresa da criança.</p>  <p>“Nesta versão final, ao invés de se utilizar as glosas como nas outras versões acima demonstradas, preferiu-se usar <i>prints</i> do vídeo final da poesia. Como se trata da versão, a priori, final de tradução, pretende-se melhor demonstrar as estratégias utilizadas, bem como os sinais realizados”. (SANTOS, 2016, p. 106).</p>

Fonte: elaboração própria

Apesar de Santos (2016) afirmar, em várias partes do artigo, o quão essencial se faz o trabalho com o vídeo, apresenta apenas algumas imagens do vídeo. A autora apresenta cada *print* do vídeo separadamente e em comparação ao uso apenas de glosas, afirma.

Estes *prints* em momento algum substituem a versão final, em vídeo, já que nenhuma foto de um sinal substitui sua versão dinâmica. No entanto, pensou-se fazer necessário imagens para melhor contextualizar as escolhas tradutórias, além de, por meio destas empoderar a Libras como língua alvo deste estudo. (SANTOS, 2016, p. 106).

Apesar da compreensão da importância de apresentação do texto em Libras, a autora não indica o *link* com o vídeo das primeiras versões da tradução, nem com a última versão. Com o desenvolvimento da tecnologia, é mais comum as pessoas terem uma conta no YouTube ou um *blog* onde podem disponibilizar os vídeos. Pesquisadores vinculados a alguma instituição de ensino também podem criar coleções nos repositórios institucionais para disponibilizar materiais diversos. Pondera-se que a apresentação do vídeo proporcionaria uma melhor compreensão do texto/discurso em língua de sinais.

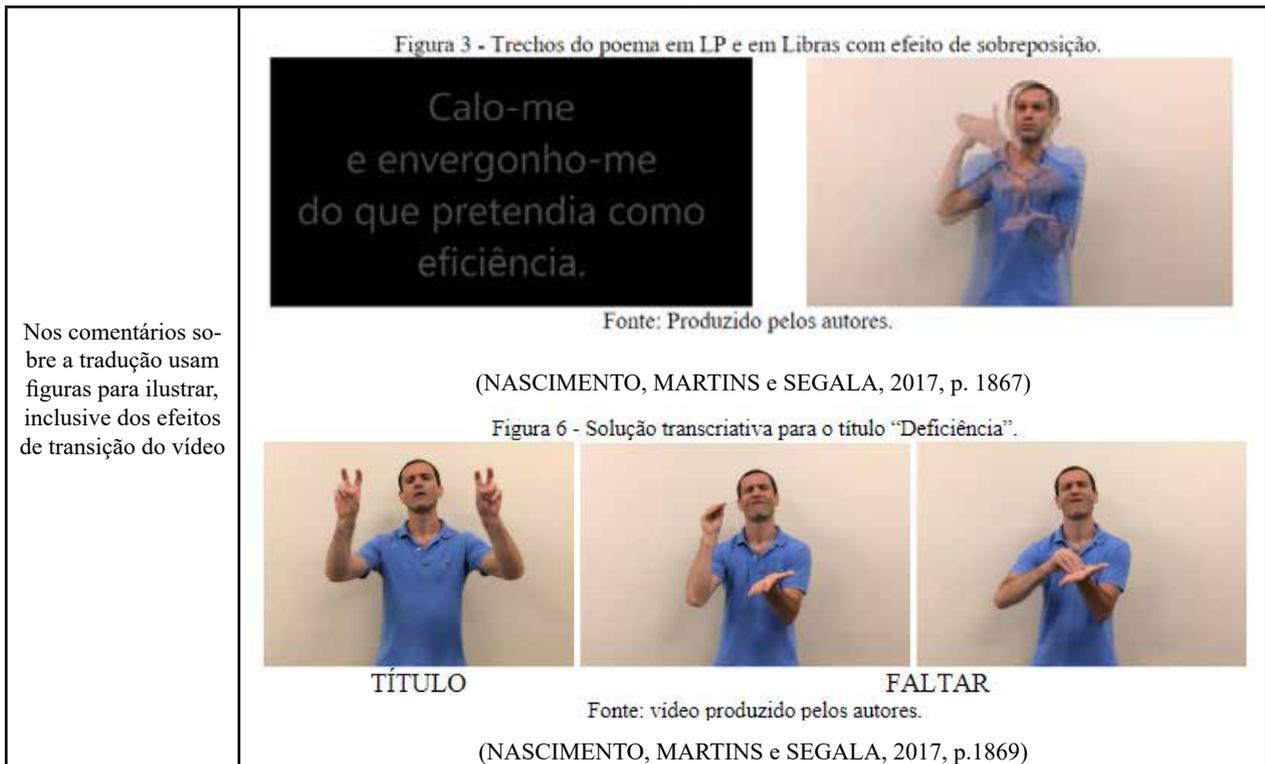
Poesia 5: “Deficiência” de Alexandre Filordi de Carvalho (ouvinte)

Nascimento, Martins e Segala (2017) analisam o processo tradutório para a Libras da poesia “Deficiência”, escrita em português, de Alexandre Filordi de Carvalho (ouvinte) com base na teoria da transcrição construída por Haroldo de Campos, em que transcriar é “um modo de traduzir que se preocupa eminentemente com a reconstituição da informação estética do original em português, não lhe sendo, portanto, pertinente o simples escopo didático de servir de auxiliar à leitura desse original” (CAMPOS, 1976, p. 7).

Os autores indicaram, primeiramente o *link* para acessar a tradução em Libras, logo apresentam o poema em português. Na sequência selecionam trechos para a análise que ilustram o processo de tradução.

Quadro 6 – Sequência da apresentação dos dados de Nascimento, Martins e Segala (2017)

<p>Apresentam a tradução para Libras</p>	<p>Para ver o vídeo traduzido para a Libras, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=iNUQ-8FkYSU. Acesso em: 22 mar. 2017. (NASCIMENTO, MARTINS e SEGALA, 2017, p. 1863).</p>	
<p>Apresentam o poema em português</p>	<p style="text-align: center;">DEFICIÊNCIA</p> <p>Conto o infinito de trás para frente e me perco no meio</p> <p>Corro atrás daquele velho sonho e me canso após dez passos</p> <p>Juro amor ao outro e vou traíndo o meu amor próprio</p> <p>Sorriso do ser que tropeça e sigo cacófato de mim mesmo</p> <p>Assusto-me com a mudez mas não aprendo a calar-me para ouvir</p> <p>Grito ao surdo para convencê-lo e não ouço a minha própria voz</p> <p>Questiono a compreensão alheia e não decifro meu destino</p> <p>Convoco a razão para justificar-me mas o meu desejo é loucura</p>	<p>Acho que as escadas são as patas da cidade e esqueço que terei artrose, e envelhecerei</p> <p>Impaciente-me com a lentidão alheia e me demoro a decidir</p> <p>Tento continuar o texto e a palavra foge</p> <p>E fugindo assim já não defino mais nada</p> <p>E não a encontrando, perco-me na trama, e perdendo-me acabado por me encontrar</p> <p>Calo-me e envergonho-me do que pretendia como eficiência.</p> <p>O poema de Alexandre Filordi de Carvalho pode ser encontrado em seu Blog Bocoio. Disponível em: https://bocoio.wordpress.com/2015/11/10/deficiencia/ (NASCIMENTO, MARTINS e SEGALA, 2017, p. 1864-1865).</p>



Fonte: elaboração própria

Os autores apresentam tanto o texto de partida completo (poema em português) quanto sua tradução, a qual pode ser acessada por meio do *link* para acesso ao vídeo no YouTube. Na análise, usam glosas específicas/pontuais e não fazem uma glosa de todo o poema. Essas glosas são associadas aos trechos do poema em português para a discussão, as glosas são as mesmas apresentadas nas ilustrações. Os autores ainda apresentam os *prints* correspondentes a uma sequência de sinalização, relacionados a trechos de enunciação e não a um sinal isolado. Contudo, seria interessante indicar nas glosas o tempo do vídeo correspondente a cada verso para que o leitor possa identificar de forma mais rápida os trechos de análise caso queira revisitar o vídeo para assistir ao trecho em discussão.

Poesia 6: “Amor à primeira vista...” Ananda Elias (surda)

Silva e Albres (2019) apresentam as estratégias adotadas na tradução da poesia em Libras “Amor à primeira vista...”, da poetisa surda Ananda Elias, para o português escrito. Trabalham com a descrição dos efeitos estéticos e com as escolhas de tradução realizadas.

As autoras iniciam apresentando o vídeo da poesia (texto de partida). No processo de análise utilizam trechos menores, ilustrando com as imagens dos sinais extraídas do vídeo, e a estrofe da poesia traduzida, seguida do comentário. Ao final, em um quadro, apresentam, na primeira linha, o vídeo completo e, na segunda, sua tradução para o português (quadro 7). As autoras conduzem a análise estrofe por estrofe, mas não indicam o tempo do vídeo. Considerando que o poema é pequeno,

foi possível apresentar todas as estrofes.

Quadro 7 – Sequência da apresentação dos dados de Silva e Albres (2019)

<p>Apresentam o poema em Libras</p>	<p>Figura 1: Vídeo do poema disponível no canal da autora</p>  <p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=QK16Kz0JmY</p>
<p>Apresentam quadros com figuras de expressões em destaque para ilustrar a discussão analítica</p>	<p>Figura 2 - Apresentação dos personagens no poema “Amor à primeira vista...”</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>figura 2a</p> <p>OLHAR ENCONTRAR</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>figura 2b</p> <p>OLHAR DESVIAR e movimento de negação</p> </div> </div> <p>Fonte: Desenvolvida pela autora</p>
<p>Seguido pela tradução em português de unidades de traduções específicas e os comentários analíticos</p>	<p>Estes elementos corpóreo-visuais foram traduzidos no início da poesia por:</p> <p>“Eis que olhares se encontram e no susto se desencontram” (SILVA e ALBRES, 2019, p. 09).</p>
<p>Ao final apresentam novamente o <i>link</i> da poesia em Libras e sua tradução completa em português compondo um quadro</p>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Poema “Amor à primeira vista”, de Ananda Elias Link: https://www.youtube.com/watch?v=QK16Kz0JmY</p>  </div> <p>“Amor à primeira vista”, tradução para o português de Marília Duarte da Silva</p> <p>Eis que olhares se encontram e no susto se desencontram Na tenra idade o olhar ainda envergonhado diante do amor, se esquivava do olhar assanhado</p> <p>Ele apressado em se tornar inteiro e ela desinteressada em ser só mais um meio Ele fugaz em fitar o que está de sua face diante Ela obstante em se sentir errante</p> <p>Insistente o amor se engraça e o olhar tímido escondido acha graça Enquanto o amor se entristece o olhar tímido se aquece</p> <p>Uma chance, o amor recebe e mais que depressa ele se percebe Volta-se para o que está diante O beijo acontece num instante</p> <p>O olhar passa a ser amor e o amor transborda nele mesmo sem se opor ativista, eis que temos o amor à primeira vista.</p> <p>(SILVA E ALBRES, 2019, p. 13).</p>

Fonte: elaboração própria

Em síntese, todos os autores apresentaram o texto de partida, apesar de, em alguns casos, o formato de glosa não conseguir apresentar os efeitos do texto de partida em língua de sinais na íntegra. Consideramos que a opção pela glosa não tem um bom efeito sem o *link* para o vídeo, mesmo com a ilustração de alguns trechos do vídeo, visto que o movimento e ritmo não são reproduzidos. Apesar de os sistemas de transcrição terem convenções, inclusive, para evidenciar prosódia, ritmos, entre outros aspectos, pouco foi evidenciado nos trabalhos apresentados. As glosas são sistemas de transcrição que deveriam ser adaptadas para atender as necessidades de apresentação dos dados por parte do pesquisador. Todavia, formas de transcrição têm sido usadas de modos, muitas vezes, inadequados para línguas de sinais quando, por exemplo, se aplica apenas a convenção de uma palavra grafada em caixa alta para um sinal manual.

A partir das traduções comentadas estudadas, indicamos que os autores poderiam ter disponibilizado o vídeo em seu canal pessoal ou mesmo regravar reproduzindo a poesia com seu corpo, ou seja, reenunciando a poesia. Compreendemos que em um artigo, a depender das normas da revista no que se refere à extensão do texto, que variam de 15 a 25 páginas, fica complicado apresentar todas as traduções e versões. Então, uma boa estratégia se faz pela disponibilização de *link* com o material publicado em *site*.

Mesmo os autores que disponibilizaram o acesso ao vídeo em Libras e desenvolveram a análise da tradução por trechos correspondentes às estrofes das poesias (unidades de tradução) ficou difícil a localização/comparação do trecho de discussão e análise com o trecho do vídeo¹², pois não estava relacionado ao tempo do vídeo. Assim, a indicação dos minutos e segundos exatos do trecho do vídeo em discussão poderia favorecer sua identificação pelo leitor e, por sua vez, contribuir com uma melhor compreensão da análise.

O autor da tradução comentada deve preocupar-se com as formas de apresentação do conteúdo científico, ou seja, preocupar-se com o que dizer e como dizer no texto acadêmico. “Nesse sentido, destaca-se que a materialidade estética do texto apresentado [em] trabalhos acadêmicos se dá na relação entre o conteúdo, a forma e os sujeitos cognoscentes” (SANTIAGO, 2014, p. 06). Cada autor desenvolve sua lógica de explicitação da pesquisa, sua linha de raciocínio, que deve estar voltada para a compreensão do leitor potencial de seu estudo. A autora concorda que há diferentes estratégias para a apresentação dos dados, seja “por meio da transcrição, decupagem, tabelas e imagens, pensar na disponibilização do vídeo base de dados e citação do tempo do trecho do vídeo” (SANTIAGO, 2014, p. 6), tudo pensando na compreensão do leitor.

12 No *YouTube* é possível criar um *link* que direcione o leitor para um tempo exato no vídeo. Além disso, este *link* pode ser convertido em QR codes, que permitem a visualização dos vídeos no celular enquanto se lê o texto.

Conforme descrevemos das traduções comentadas, nenhum autor apresentou todos os trechos do original, de forma numerada, na ordem em que aparecem no poema (Trecho 1, Trecho 2 etc.), relacionando esses trechos (unidades de tradução) com a tradução desenvolvida. Apontamos que a falta de uma numeração para a correspondências no processo de leitura da tradução comentada retarda ao leitor retomar os trechos foco da análise no poema de partida para compará-lo no texto traduzido. A ordem da apresentação dos dados também foi diversificada, Nicoloso (2010), Santos (2014) e Santos e Silva (2019) apresentam primeiro o texto de partida, enquanto Nascimento, Martins e Segala (2017) apresentam primeiro o *link* para a tradução.

A pesquisa sobre processos, produtos ou contextos de tradução/interpretação entre Libras e português estão essencialmente envolvidas com o discurso, com a língua em movimento e em uso.

O objeto específico das Ciências Humanas é o discurso ou, num sentido mais amplo, a matéria significante. O objeto é um sujeito produtor de discurso e é com seu discurso que lida o pesquisador. Discurso sobre discursos, as Ciências Humanas têm, portanto, essa especificidade de ter um objeto não apenas falado, como em todas as outras disciplinas, mas também um objeto falante. (AMORIN, 2002, p. 04).

Amorin (2002) nos conduz para a reflexão que fazer pesquisa nessa área envolve assumir que tanto o objeto quanto o produto do estudo é o discurso, seja ele o texto de partida, o comentário da tradução no diário do tradutor ou a tradução comenta como produto final da pesquisa. Em uma perspectiva dialógica do discurso (BAKHTIN, 2003) o uso da linguagem em seus diversos campos é multiforme e que na arquitetura de um artigo científico há elementos essenciais e estáveis que precisam ser registrados, sendo o artigo também multiforme, ou seja, congregando linguagem verbal, vocal e visual.-

Há ainda a questão da análise que envolve línguas de modalidades diferentes, visto que o suporte material comum em que o texto acadêmico é produzido concentra-se basicamente no uso do *Word*. Assim, temos um certo limite tecnológico para a composição híbrida da linguagem do texto acadêmico nesse suporte. É o caso de artigo científico, que retrata uma pesquisa, combinando livremente, à escolha do autor, a escrita com fotos e imagens, hipertexto, esquemas visuais, gráficos ou infográficos, vídeos e, por vezes, áudio em *podcast*. Vídeos e *podcasts* **são remetidos a uma página externa por meio de um *link***, como realizado por Weininger, Sutton-Spence et al. (2014), Nascimento, Martins e Segala (2017); e Silva e Albres (2019) ao disponibilizarem os *links* dos vídeos do *YouTube*. Como também, a escolha dos autores pelo design, pela diagramação, cores e disposição desses elementos na página. Dessa forma, o texto acadêmico é composto por múltiplas semioses que contribuem para a comunicação científica e não apenas do texto escrito.

Baseada na teoria dos gêneros discursivos, Rojo (2013) discute que é pela situação de comunicação que as práticas de linguagem são determinadas. Portanto, a produção de textos acadêmicos, mediante o objetivo de informar e pela possibilidade de uso das novas tecnologias, os enunciados mesmo que técnico-científicos, podem ser híbridos, ou seja, podem envolver múltiplas linguagens. Assim,

as esferas [discursivas] se valem de diferentes mídias (impressa, radiofônica, televisiva, digital) para a circulação de seus discursos e também selecionam diferentes recursos semióticos e diversas combinatórias possíveis entre eles para atingir suas finalidades e ecoar seus temas, provocando mudanças nos gêneros. [...] Então, as mídias e as tecnologias são escolhas, e de caso bem pensado, das esferas de circulação de discursos. Mas têm, de imediato, efeito nas formas de composição e nos estilos dos enunciados, inclusive em termos de multimodalidade. (ROJO, 2013, p. 29).

Nesse sentido, a tradução comentada pode valer-se de múltiplas linguagens. Apreendemos vários aspectos sobre a apresentação dos dados de tradução comentada no *corpus* estudado. A partir de agora, delineamos algumas recomendações para a construção da seção de análise da tradução desse tipo de pesquisa a fim de contribuir com o aprimoramento dos trabalhos em Etils. As recomendações advêm de uma crítica à forma de apresentação dos comentários no *corpus* e no intuito de dar visibilidade às estratégias exitosas empregadas pelos autores estudados.

Antes da análise, propriamente dita, seria interessante apresentar a obra, o autor e o contexto histórico da obra traduzida; fazer uma descrição pré-tradução; fazer uma descrição da tradução, como indicado por Durão e Durão (2017). Apresentar também quantas versões da tradução foram desenvolvidas, a depender do espaço do artigo e do tamanho do texto, apresentá-las na íntegra ou remeter a outro site por meio de *links* onde as versões estejam publicadas, como feito por Nicoloso (2010), Weininger, Sutton-Spence et al. (2014), Klamt (2014) e Santos (2016).

Se faz importante apresentar pelo menos o texto de partida e a versão final da tradução. Todos os autores do *corpus* empreenderam esse item, cada um da sua forma. Sugerimos a apresentação do texto de partida antes do texto traduzido, podendo usar a forma canônica de duas colunas com os textos paralelos, ou mesmo de três colunas com os textos de partida e chegada paralelos, assim como os comentários relacionados a cada trecho (COSTA, 2017).

A partir do material analisado, recomenda-se dividir o poema em trechos e numerá-los para poderem ser recuperados no decorrer do texto na seção de análise, para que se possa verificar a que parte a tradução pertence no texto de partida. Todos os autores do *corpus* selecionaram excertos para a análise, mas nem todos fizeram essa correlação exata do vídeo em Libras. Como mencionado, seria possível disponibilizar no artigo o *link* do exato frame analisado (sequência das imagens fixas de um produto audiovisual). Para cada frame do vídeo em língua de sinais seria interessante indicar o tempo de início e término ou subdividir o vídeo para acesso direto ao excerto. Como também, disponibilizar o *link* do vídeo em uma plataforma de sua autoria para não correr o risco de ser apagada futuramente,

caso esteja disponível em um site pessoal.

Aconselha-se que após a apresentação global da tradução, ou seja, após a descrição que precede a análise, que se problematize o processo e discuta sobre as escolhas tradutórias. Aconselha-se também que na análise, o uso da glosa escrita esteja associado à ilustração do vídeo com *prints* da sinalização. No *corpus* Klamt (2014), Santos (2016), Nascimento, Martins e Segala (2017), Silva e Albres (2019) usaram esse recurso. Procure trabalhar com as unidades de tradução e que delas sejam extraídas uma sequência de sinais que correspondam à unidade analisada em detrimento de uso de sinais isolados, assim o ponto de análise fica mais bem contextualizado para o leitor, como realizado por Nascimento, Martins e Segala (2017).

Sugere-se ainda que os comentários “brutos” do diário de tradução sirvam ao artigo, ou seja, que alguns excertos sejam selecionados do diário para compor o artigo, como uma memória do vivido no processo de tradução e, em outro momento, da escrita do artigo, o tradutor-pesquisador reelabore e aprofunde a análise, como apresentado por Klamt (2014) e Silva e Albres (2019). Assim como, os comentários propostos ao longo da tradução possam ser numerados em sequência ou agrupados por categorias analíticas. Nessa parte do artigo, recomenda-se dividir em trechos o texto da tradução para detalhar a discussão. Nicolosso (2010); Weininger, Sutton-Spence et al. (2014); e Santos (2014) organizaram a análise pelas versões das traduções produzidas. Os autores que trabalharam com categorias analíticas foram Klamt (2014) denominando de 1) repetições e simetria, 2) pausa, e 3) rimas; Nascimento, Martins e Segala (2017) criaram a categoria analítica “estratégias transcriativas”; e Silva e Albres (2019) categorizam a análise com base nos problemas de tradução: denominando de 1) apresentação dos personagens no poema e 2) personagens “eu e o outro”.¹³

Apontamos acima recomendações e possibilidades para a construção da apresentação da análise da tradução comentada.

6. Considerações finais

Iniciou-se este trabalho com a proposta de caracterizar as formas de apresentação dos dados em pesquisa do tipo tradução comentada, qualificada como estudo de caso, materializada em artigos e resumos expandidos. O processo de caracterização teve por objetivo a identificação do material apresentado, o propósito de cada elemento construído para ilustrar os dados, e as formas que assumem a análise da tradução comentada dentro da comunicação científica.

Tomando como base o conceito de tradução comentada e seus contornos provenientes de

13 O processo de análise de “tradução comentada” não será aprofundado aqui, visto que o objetivo proposto para este artigo foi da construção da apresentação visual em traduções comentadas de poesias de e para línguas de sinais.

pesquisadores dos Estudos da Tradução, evidenciou-se não só algumas características comuns em traduções comentadas, mas, também, características essenciais como a apresentação bilíngue com o texto de partida e o texto de chegada, assim como os comentários do tradutor.

Evidencia-se que o artigo de “tradução comentada” precisa apresentar os dados (discurso) de forma coerente, que necessita apresentar o relato do processo ilustrando as escolhas tradutórias e por, pelo menos, uma das línguas da tradução ser de modalidade corp(oral), o autor precisa explorar uma apresentação multisemiótica. Sendo assim, a tradução comentada envolve a construção de esquemas visuais, adaptação de imagens do vídeo de sinalização, identificação e referenciação dessas imagens no decorrer da análise para que o leitor consiga compreender a relação do excerto selecionado para análise e da discussão proposta.

Os autores dos Estudos da Tradução consultados apontam, quanto à forma, que a apresentação dos dados da tradução comentada é parte essencial desse tipo de pesquisa. O material analisado nos permite afirmar que a tradução comentada pode assumir a estrutura multimodal trabalhando com múltiplas semioses, quais sejam: texto, figura, esquema visual com *print* de vídeos, quadros, *link* de vídeos, entre outros.

As iniciativas dos tradutores que pesquisam sobre o seu processo de tradução, que estudamos neste artigo, são representativas da natureza inovadora das pesquisas sobre tradução/interpretação português-Libras e do uso da tecnologia, já que as inovações tecnológicas que notadamente favorecem a possibilidade de registro e compartilhamento de vídeos têm contribuído com a pesquisa sobre produções literárias em língua de sinais.

Agradecimentos

Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho. Os erros remanescentes são de minha responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. As novas tendências metodológicas nos estudos da tradução/interpretação entre o par Português/Libras. In: QUADROS, Ronice Muller de; WEININGER, Markus J.. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais III*. 1ª ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 3, p. 13-34.

_____. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. *Revista Araticum*. v. 21 n. 01, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/2739/2696?fbclid=IwAR1OhAc1h4DO-qL4y23-5udfchXErBvYKiThbvKOKbUG2SnaYbiC4xvaqng>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ÁLVAREZ, Ana María García. Evaluating Students' Translation Process in Specialised Translation: Translation Commentary. *The Journal of Specialised Translation - JoSTrans's*. Issue 07 - January 2007. Disponível em: https://www.jostrans.org/issue07/art_alvarez.pdf. Acesso em: 14 jan. 2019.

ALVES-MAZZOTT, Judith Alda. Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, set. /dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v36n129/a0736129.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

AMORIN, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 7-19, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14396.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ARROJO, Rosemary (Org.). *O signo desconstruído*. Campinas: Pontes, 1992.

BAKHTIN, Mikail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 6ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2010, p.13-57.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-306.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 b.

BELIAKOVA, Elena; PRESTES, Zoia. O significado e o sentido na unidade da tradução. *Revista Travessias*, v.4, no 1. 2010. 749-756. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3648/2899> Acesso em: 15 mar. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. "Luz: a escrita paradisíaca". In: ALIGHIERI, Dante. *Seis cantos do Paraíso*. Recife: Gastão de Holanda, 1976.

COSTA, Walter Carlos. Novos experimentos em tradução comentada – Prólogo. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri (orgs). *De Horizonte a Horizonte: traduções comentadas*. Florianópolis: Insular, 2017. pp 11-15.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri (orgs). *De Horizonte a Horizonte: traduções comentadas*. Florianópolis: Insular, 2017.

DURÃO, Aylton Barbieri. A tradução nos horizontes de um texto filosófico. Os significados da liberdade e as formas do direito de resistência no *Leviatã* de Hobbes. Comentário sobre a tradução. In: DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; DURÃO, Aylton Barbieri (orgs). *De Horizonte a Horizonte: traduções comentadas*. Florianópolis: Insular, 2017. pp 209-219.

FLORES, Valdir do Nascimento. Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como uma modalidade de enunciação. *Organon*. Porto Alegre, n^a 40/41 – janeiro-dezembro 2006. pp. 61-75. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178431/000601529.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2019.

KLAMT, Marilyn Mafra. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Voo sobre rio”. *Belas Infiéis*, v. 3, n. 2, p. 107-123, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11285> . Acesso em: 21 jul 2019.

LEITE, Tarcísio Arantes. Minicurso Quebrando o tabu: a gestualidade nas línguas (de sinais). In: *Seminário do curso Letras Libras (SELL)*. 02 de setembro de 2019. 14:50. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. C.; LEITE, Tarcísio. Descrição de línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *Alfa*. v. 54. São José do Rio Preto: UNESP, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880/2654>. Acesso em: 21 jul 2019.

MENDONÇA, Victor. *Mapeamento dos Estudos da Tradução e interpretação das línguas de sinais no Brasil a partir de artigos científicos*. Trabalho de conclusão de curso – TCC. 69 f. Letras Libras (bacharelado em tradução/interpretação). UFSC. Florianópolis – SC. 2019. Orientação: Prof. Dra. Neiva de Aquino Albres.

NASCIMENTO, Vinícius, MARTINS, Vanessa R. de O., SEGALA, Rimar R. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Domínios de Lingu@gem*. Uberlândia. Vol. 11, n. 5, dez. 2017 pp. 1850-1874. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/view/37378> Acesso em: 14 jan. 2019.

NICOLOSO, Silvana. Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter

gestos em palavras. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, pp. 307-332, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p307>. Acesso em: 21 jul 2019.

NORD, Cristiane. *Texto base-texto meta: un modelo funcional de análisis pretraslativo*. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I. (2012). Disponível em: <https://docer.com.ar/doc/xs5eec>. Acesso em: 21 jul 2019.

_____. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser — São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. (Coleção Transtextos. v.1). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186875/An%C3%A1lise%20Textual%20em%20Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul 2019.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans. *Fundamentos para una teoría funcional de la traducción Traducción* de Sandra García Reina y Celia Martín de León Coordinación de Heidrum Witte. Madrid: Akal, 1996, 206 p.

RODRIGUES, Carlos Henrique. *A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

RODRIGUES, C. H.. A busca por semelhança interpretativa no processo de interpretação simultânea para a língua de sinais. In: QUADROS, Ronice Müller de; WEININGER, Markus J.. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. 1ed. Florianópolis: Insular, 2014, v. 3, p. 35-69. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178906/Ronice_Muller_de_Quadros%2C_Markus_J._Weininger._Estudos_da_Lingua_Brasileira_de_Sinais.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 21 jul 2019.

ROJO, R. H. Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p.13-36.

SALDANHA, Gabriela, O'BRIEN, Sharon. Research methodologies in translation studies. Book review. *Journal of research design and statistics in linguistics and communication science*. University of Birmingham. Routledge. New York, NY. 2014. pp. 145-151. Disponível em: <https://journals.equinoxpub.com/index.php/JRDS/article/view/30024>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. O uso da anotação da língua de sinais na apresentação de publicações acadêmicas: analisando as escolhas que favorecem o entendimento do leitor. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*,

UFSC, Florianópolis-SC. 2014. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2966.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SANTOS, Saionara Figueiredo. Tradução comentada do poema “Debussy”, de Manuel Bandeira, para a Língua Brasileira de Sinais. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 1, pp. 93-116, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11371>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SILVA, Marília Duarte da; ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada do poema em língua brasileira de sinais “Amor à primeira vista”. *Revista de Ciências Humanas*, vol. 18, n. 2, jul./dez. 2018 (publicada em 2019). Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8686>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SOBRAL, A. Elementos para uma definição do estético segundo o Círculo de Bakhtin. In: IX Semana de Letras da UFOP, 2006. *Anais [...]*. Ouro Preto: Editora Aldrava Letras e Artes, 2006, pp.11-21.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Cap 1 Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: Luana Ferreira de Freitas, Marie Hélène Catherine Torres, Walter Carlos Costa (orgs). *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução*. Fortaleza: Substância, 2017. pp15-35. (TransLetras ; v. 2) Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jul 2019.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

WEININGER, Marcos., J., SUTTON-SPENCE, Rachel. et al. Quando múltiplos olhares geram diferentes experiências de tradução ao português de um poema em libras: o caso de “Homenagem Santa Maria” de Godinho (2013). *Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, UFSC, Florianópolis-SC.2014. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2949.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2019.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 25, n. 2, pp. 331-352, dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755>. Acesso em: 07 set. 2019.